

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas
Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social
Curso de Jornalismo

PROJETO GRÁFICO JORNAL “A SIRENE”

A construção de um projeto experimental para jornal

Produto jornalístico

Silmara Candinho Alves Filgueiras

Silmara Candinho Alves Filgueiras

PROJETO GRÁFICO JORNAL “A SIRENE”

A construção de um projeto experimental para jornal

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Talita Iasmin Soares Aquino

Mariana
Curso de Jornalismo da UFOP
2017

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

F481p Filgueiras, Silmara Candinho Alves
Projeto Gráfico Jornal "A SIRENE" [recurso eletrônico]
: a construção de um projeto experimental para jornal
/ Silmara Candinho Alves Filgueiras.-Mariana, MG,
2017.
1 CD-ROM; 4 3/4 pol.+ 1 Manual do Projeto gráfico (33 f.).

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social, DECSO/ICSA/UFOP

1. Projeto gráfico (Tipografia) - Teses. 2. MEM. 3.
Jornalismo - Aspectos sociais - Teses. 4. Monografia.
5. Mídia interativa - Aspectos sociais - Teses. 6.
Memória cultural - Conservação - Teses. I. Aquino,
Talita Iasmin Soares. II. Universidade Federal de Ouro
Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas -
Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço
Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 655.26
: 15
: 1417885

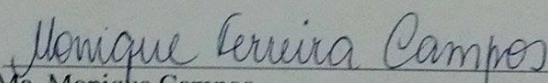
Silmara Candinho Alves Figueiras

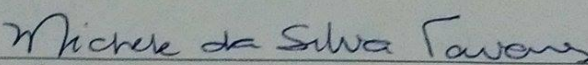
Curso de Jornalismo – UFOP

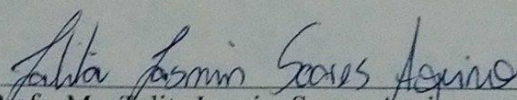
PROJETO GRÁFICO JORNAL A SIRENE:
A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO EXPERIMENTAL PARA JORNAL.

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Ma. Talita Iasmim Soares Aquino.

Banca Examinadora:


Ma. Monique Campos


Profa. Dra. Michele da Silva Tavares


Profa. Ma. Talita Iasmim Soares Aquino

Mariana, 29 de março de 2017.

AGRADECIMENTOS

Sempre existem situações e pessoas que preenchem nossa caminhada, tornando nossa existência um caminho memorável e que faça sentido. Percebo a vida em instantes, cheia de pontos, e somos nós que traçamos as linhas. Quando olhamos para trás, mesmo agora ou futuramente, percebemos que a parte fundamental são os indivíduos e os momentos que colaboram para essa rede crescer.

É injusto nomear as pessoas que contribuíram para que esse momento chegasse. Desejo apenas que todos os participantes dessa conquista sintam-se homenageados por essas palavras escritas. Nada disso faria sentido ou existiria se não fosse o amor, o carinho, a colaboração, o interesse e a participação de vocês na minha vida. Tenho afeto, obrigada.

“De qualquer modo, regras não são tudo”.

Beth Tondreau

RESUMO

A elaboração deste memorial consiste em trazer reflexões a partir da construção de um projeto gráfico experimental para o jornal “A Sirene”. Neste manual, são apresentadas a estrutura técnica do impresso e a maneira como as predefinições se aproximam dos personagens das matérias, os próprios atingidos pela barragem da Samarco, e se misturam com eles. O veículo carrega marcas da construção de uma nova identidade resultante da reorganização comunitária em prol da valorização da memória dos indivíduos e também auxilia na luta pelos direitos deles.

Palavras-chave: Projeto gráfico; jornalismo comunitário; mídia e ativismo; preservação da memória.

ABSTRACT

The elaboration of this memorial consists of bringing up reflections through the development of an experimental graphic project for the newspaper “A Sirene”. In this guide, the technical structure of the journal and the way in which the presettings approach the characters of the articles, the ones affected by Samarco’s dam themselves, and blend with them are presented. The communication vehicle carries features of a new identity resulted from the community reorganization in order to value the individuals’ memory as well as support the struggle for their rights.

Keywords: Graphic project; community journalism; media and activism; preservation of memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Album de família” da família santos	13
Figura 2: Representação genealógica da família santos.....	13
Figura 3: Ensaio “intimidade provisória”	14
Figura 4: Comportamento do olho humano	16
Figura 5: Componentes do <i>layout</i>	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 CRIAÇÃO DO JORNAL.....	9
2 A COMUNICAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM DEFESA DOS DIREITOS DOS CIDADÃOS	10
3 O JORNALISMO COMUNITÁRIO, A MÍDIA, O ATIVISMO E O PROJETO GRÁFICO	12
4 O PLANEJAMENTO VISUAL	14
4.1 ZONAS DE VISUALIZAÇÃO DAS PÁGINAS.....	15
4.2 PRINCÍPIOS BÁSICOS DE DESIGN	16
4.3 GRID: ELEMENTOS E CRIAÇÃO	18
5 CARACTERÍSTICA E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO DO JORNAL IMPRESSO ...	19
6 PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA CRIAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO	20
7 PROJETO: O PROJETO GRÁFICO “A SIRENE”	21
7.1 ESPECIFICAÇÕES GERAIS DAS PÁGINAS	21
7.2 CATÁLOGO DE FONTES	22
7.3 FOTOGRAFIAS	25
7.4 ELEMENTOS GRÁFICOS	26
7.5 ITEM FIXO	28
7.6 CONFERÊNCIA E FECHAMENTO DO ARQUIVO: CUIDADOS COM AS IMAGENS	28
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXO 1.....	31

INTRODUÇÃO

O jornal “A Sirene” é um veículo impresso, produzido na cidade mineira de Mariana, a partir do evento ocorrido em 5 de novembro de 2015, quando a barragem de Fundão, da mineradora Samarco, se rompeu. Criado em fevereiro de 2016, o jornal completa, até então, seu primeiro ano de publicação e lutas, tanto pela preservação da memória dos indivíduos quanto pelos seus direitos legais.

O projeto gráfico experimental descrito nesse memorial traz as marcas de um produto que foi amadurecido ao longo de 12 publicações, tempo essencial de contato com as comunidades atingidas pelo rompimento da barragem. A construção técnica se mistura com a identidade e a memória de cada ator que participa do jornal. Mas quem são esses atores e como a diversidade cultural se consolida no resultado final do produto?

José Márcio Barros, em “Cultura, memória e identidade – contribuição ao debate”, publicado em “Caderno de História”, define que a “cultura é um ponto de onde se avista e se constitui a realidade; é a condição para a construção da história e da memória de um povo e, portanto, formadora da sua identidade”. (BARROS, 1999, p.32). Mais adiante em seu argumento, o autor nos mostra que a cultura é um campo que engloba a heterogeneidade dos indivíduos, considerando as igualdades e as diferenças entre cada um deles.

A memória é uma condição simbólica do ser humano, que remetemos muitas vezes ao passado. Barros (1999) afirma que se trata de um mecanismo de reconstrução e manutenção do presente para que no futuro a lembrança seja mantida ou reproduzida. A memória também pode ser caracterizada como mantenedora cultural dos indivíduos, processo que é reproduzido, reafirmando a identidade e a identificação. “A memória é, portanto, fonte de experiência”. (BARROS, 1999, p. 35).

A construção e a manutenção do jornal, que circula na cidade de Mariana, na região e também em outras cidades, têm o papel de retratar as comunidades, que deixam o papel de núcleos isolados, passando a ser uma nova comunidade que segue a luta para que a tragédia não seja esquecida. Como resultado, a proposta do projeto gráfico para o jornal “A Sirene” é consolidar um veículo que supre as necessidades editoriais e necessárias para que ele continue sendo produzido, mesmo com os desafios de produção, reafirmando a ideia de que todas as regras tem suas particularidades e exceções.

1 CRIAÇÃO DO JORNAL

O coletivo “Um Minuto de Sirene” se formou poucos dias após a tragédia provocada pela barragem de Fundão, que atingiu os distritos da cidade histórica de Mariana – Bento Rodrigues, Ponte do Gama, Paracatu, Pedras - e as demais localidades ao longo do Rio Doce até desaguar no Espírito Santo.

Com o grupo composto, até então, por jornalistas, historiadores, educadores, arquitetos, fotógrafos, alunos e professores da Universidade Federal de Ouro Preto; tiveram como objetivo de desenvolver ações que funcionariam como apoio para as comunidades atingidas. Entre as áreas de atuação desses profissionais, se sobressaem três grandes conceitos que servem de norte para a construção do jornal “A Sirene”; são eles: educação, preservação da memória e direito à comunicação. Os dois últimos pontos ganharam mais força nesse movimento, pois emergem como a necessidade mais urgente dos atingidos desde a tragédia. A partir daí, o coletivo “Um Minuto de Sirene” organiza, no dia 5 de cada mês, atos simbólicos e soam a sirene¹ na praça da cidade de Mariana, como forma de protesto para relembrar a tragédia e atualizar os participantes sobre a sucessão dos acontecimentos a partir disso. Além de soar a sirene, o grupo promove debates, rodas de conversa e outras intervenções que contemplam as principais lutas dos atingidos.

A ação de fevereiro de 2016 foi o lançamento do jornal “A Sirene”, a partir de um projeto trazido pela agência de fotografia “Nitro Imagens”, localizada na capital mineira, Belo Horizonte. O projeto inicial da agência foi o lançamento de uma única edição, com formato de produção em apenas um final de semana de dedicação exclusiva, divididos em etapas.

A primeira etapa foi a reunião de pauta, com a presença dos moradores de Bento Rodrigues e de outras localidades atingidas. Nessa reunião surgiram algumas regras que se mantiveram vigentes: os atingidos sugeririam as pautas e eles próprios decidiriam o que as edições iriam abordar, ou seja, o jornal seria um veículo de informação em que eles teriam autonomia, sendo os integrantes do “Um Minuto de Sirene” e demais colaboradores apenas apoiadores na execução das matérias. Após a escolha das pautas, as equipes – compostas por atingidos, “sirenistas”², fotógrafos e estudantes de jornalismo da UFOP – saíram para coletar materiais para suas pautas. O terceiro momento aconteceu no laboratório, quando as matérias

¹ A sirene é um sinal de alerta de segurança instalado para alertar quando há alguma irregularidade ou situação que pode pôr em risco a vida das pessoas. No dia da tragédia, a sirene da empresa Samarco não soou.

² Nome com que os membros do “Um Minuto de Sirene” costumam se identificar.

foram editadas e repassadas para as equipes de diagramadores, que montaram as páginas de acordo com os materiais que os grupos produziram.

Desde o início a ideia foi usar o jornal impresso como meio de comunicação entre os atingidos e, através dos profissionais que os apoiam, capacitá-los para que consigam mais independência em executar as tarefas na redação do jornal. Para Mauro Marcos da Silva, morador de Bento Rodrigues: “‘A Sirene’ não tem dono, mas sim um grupo de pessoas que compartilham ideias e carregam dentro de si um desejo incontrolável de fazer justiça. Aqui [no jornal] todos têm vez e voz”.

A partir da experiência adquirida na primeira publicação, a Arquidiocese de Mariana entrevistou e propôs dar continuidade ao projeto com o apoio do Ministério Público de Minas Gerais e do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). O projeto previu que todos os gastos com equipamentos, manutenção, contratação de profissionais e bolsistas e demais gastos com a produção seriam cobertos pelas doações recebidas. A partir da aprovação do projeto junto ao Ministério Público, “A Sirene” passou a fazer parte do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), que prevê os gastos com atividades coletivas desenvolvidas pelos e para os atingidos, sendo estas autorizadas e supervisionadas pela Comissão dos Atingidos³.

2 A COMUNICAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM DEFESA DOS DIREITOS DOS CIDADÃOS

Ao instituir o jornal “A Sirene” como uma ferramenta de comunicação voltada para os atingidos, podemos configurá-lo a partir de conceitos que permeiam o papel político do veículo: o jornalismo comunitário e a mídia e ativismo.

O empoderamento dos indivíduos proporcionado pela comunicação surge a partir do Direito à Comunicação, que vai além do acesso aos meios de difusão e à forma de expressão garantida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. A discussão trata a democratização do poder de se comunicar, garantindo a liberdade de expressão em diversas formas. Cicilia Peruzzo, citando Osvaldo Leon (2002), em “Democratização das comunicações”, afirma que a partir da mudança no cenário da comunicação os atores sociais

³ A Comissão dos atingidos é formada por um representante de cada localidade atingida.

são os mesmos que produzem a informação, passando a ser mais que apenas o emissor compreendido pelo processo comunicacional da tríade emissor, mensagem e receptor.

Peruzzo (2007) em seu estudo sobre comunicação comunitária “Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania” cita a Declaração da Sociedade Civil, instituída em 2003 que garante

Os meios de comunicação comunitários que são independentes, manejados pela comunidade e embasados na sociedade civil, tem um papel específico e crucial na habilitação do acesso e participação de todos na sociedade da informação, especialmente para as comunidades mais pobres e marginalizadas. (PERUZZO, 2007 *apud* DECLARAÇÃO, 2003, p. 5).

Aos ser instituído, o jornalismo comunitário pode ser inserido, como em sua forma impressa, em formatos distintos: na tevê, rádio e internet. A autora caracteriza o jornalismo comunitário e define como ele se apresenta, pois, como ela aponta, o termo “comunitário” é amplo e muitas vezes pode distorcer sua função principal:

Não basta a um meio de comunicação ser local, falar de coisas do lugar e gozar de aceitação pública para configurar-se como comunitário. A comunicação comunitária que vem sendo gestada no contexto dos movimentos populares é produzida no âmbito das comunidades e de agrupamentos sociais com identidades e interesses comuns. É sem fins lucrativos e se alicerça nos princípios de comunidade, quais sejam: implica na participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; na propriedade coletiva; no sentido de pertence (sic) que desenvolve entre os membros; na co-responsabilidade pelos conteúdos emitidos; na gestão partilhada; na capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais; no poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura. (PERUZZO, 2007, p.3).

Mesmo com todas as características definidas, a autora afirma que as definições de jornalismo comunitário não fazem parte de um modelo padrão e pode também ser considerado como “um campo de conflitos”, por ainda não ser bem aceito na sociedade. Por isso, ao se tratar de um modelo comunicacional que se encaixa em diferentes grupos de pessoas, com suas devidas particularidades, é importante distinguir o que é válido e aceitável e se distanciar de interesses religiosos, particulares e político-partidários. Apesar de o jornal “A Sirene” ter apoio da instituição católica Arquidiocese de Mariana, o veículo não apresenta nenhum interesse religioso; pelo contrário, há um poder de decisão que parte do instituído Conselho Editorial, constituído por representantes de diferentes localidades atingidas, e que é plural e opera verticalmente.

“A Sirene” faz parte de um movimento popular de resgate da memória material e imaterial das comunidades atingidas pela barragem de Fundão. Esse motivo de criação carrega traços ativistas como defesa dos direitos e necessidades dos cidadãos exercendo a participação política, em busca da reconstrução de espaços físicos tomados pela lama e também manter vivas as histórias que são parte da cultura e identidade das comunidades.

O conceito de “ativismo” é amplo; podemos encontrar várias perspectivas diferentes sobre esse termo na filosofia, na política, no meio ambiente, nos direitos civis, nas organizações comunitárias etc. Recorrendo à forma mais simplista de definir a palavra “ativismo”, o dicionário “Priberam”⁴ revela o conceito da seguinte forma: “1. Atitude moral que insiste mais nas necessidades da vida e de ação nos princípios teóricos. 2. Propaganda ativa do serviço de uma doutrina ou ideologia”.

3 O JORNALISMO COMUNITÁRIO, A MÍDIA, O ATIVISMO E O PROJETO GRÁFICO

Nos tópicos anteriores, vimos como o jornalismo tem papel importante na sociedade, ultrapassando os limites de tornar algo público, e também como ele empodera o cidadão na luta pelos seus direitos políticos, sociais e/ou em defesa de uma comunidade.

Além de não permitir que a tragédia seja esquecida, criar um projeto gráfico para o jornal “A Sirene” reforça e mantém a identidade dos indivíduos tal como ela é, através das narrativas e de todo o conjunto verbal e não verbal que compõem as edições. Dessa forma, o acontecimento estará sempre em pauta, livre de recortes e de narrativas feitas por outros profissionais de comunicação da grande mídia.

Como Cicília Peruzzo (2007) afirma, o jornalismo comunitário abre espaço para que os grupos desenvolvam suas características particulares “através de múltiplas formas de linguagem, pois há uma convivência de formatos artesanais” (PERUZZO, 2007 p.3). Dessa forma, o jornal é um meio de comunicação que, além de registrar os costumes e as particularidades de cada indivíduo, une também as famílias instaladas, atualmente, em diversos bairros da cidade. Por meio das características únicas que configuram a modalidade, “A Sirene” resgata a memória de diversas histórias, como de cachoeiras, de praças, igrejas etc.

⁴ Significado de “ativismo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/ativismo>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

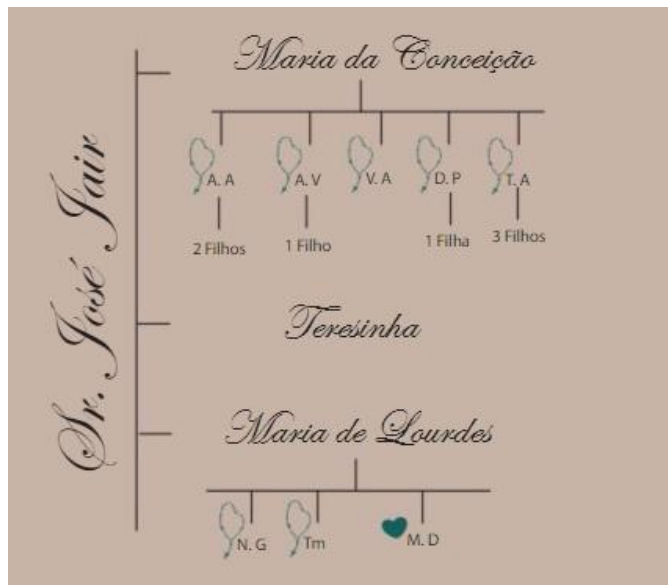
A particularidade mais notável foi na sessão espacial “Álbum de Família”, que em três publicações conta a história das famílias Gonçalves, Silva e Santos. A construção das páginas foi produzida de forma artesanal, simulando um álbum de família manual, que se destaca nas escolhas dos elementos visuais. Uma das propostas do especial foi trazer a árvore genealógica das famílias e, como representação, traçar ícones que caracterizam os patriarcas.

Figura 1: “Album de Família” da família Santos



Fonte: Acervo jornal “A Sirene”

Figura 2: Representação genealógica da família Santos



Fonte: Acervo jornal “A Sirene”

Legenda: Como símbolos de representação, foram utilizados um terço católico e um coração, que simbolizam a fé religiosa e o afeto pela filha caçula da família, respectivamente.

O ativismo está implícito em cada matéria publicada no jornal. São colocados em pauta os espaços que de forma absoluta não pertencem mais aos indivíduos e as lutas que se sucedem a partir do rompimento da barragem. Também aparecem os inúmeros processos que se desenrolam junto ao Ministério Público e à empresa Samarco, demonstrando, pela voz de cada um deles, insatisfação e anseios, sem censura.

Figura 3: Ensaio “Intimidade Provisória”



Fonte: Acervo jornal “A Sirene”

Podemos citar como exemplo o ensaio fotográfico “Intimidade Provisória”, que carrega em si a crítica a partir da padronização das casas mobiliadas pela empresa Samarco. O ensaio mostra os armários das cozinhas decorados a partir das escolhas pessoais das famílias. Essa reconstrução dos cenários como consequência de uma imposição configura a situação atual dos moradores, obrigados a deixar seus lugares de origem e tentar se adaptarem a novos lugares, recriando espaços de acordo com sua identidade ou gostos pessoais.

4 O PLANEJAMENTO VISUAL

Breno Brito (2011), em “Direção de Arte – Planejamento Visual Gráfico”, afirma que a diagramação é um trabalho que ultrapassa o conceito simplista de ordenar elementos. Para ele “toda a disposição das informações na página possui significado e influencia no modo como o observador vai apreender a mensagem” (BRITO, 2011, p.2). A citação do autor introduz o capítulo a ser abordado para que adiante possamos compreender cada parte que compõe o projeto gráfico, desde a estratégia de leitura até um material especialmente elaborado para um público-alvo diversificado.

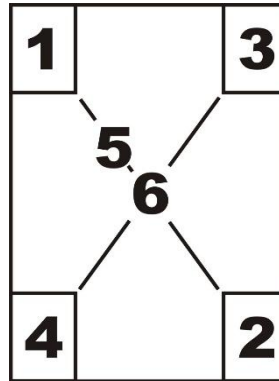
4.1 Zonas de visualização das páginas

De acordo com a cultura ocidental, nós aprendemos que a leitura é feita da esquerda para direita, de cima para baixo, do topo até o rodapé das páginas. Além da leitura linear, nossos olhos percorrem entre o canto superior esquerdo ao canto inferior direito. Dessa forma, devemos ter controle dos elementos dispostos na página, para que as principais informações visuais sejam transmitidas ao leitor sem provocar nenhum tipo de ruído.

Gavin Ambrose e Paul Harris (2009) em “Layout” afirmam que há certas áreas das páginas que são mais visadas do que outras, ou seja, existem áreas ativas e passivas dentro de um *layout*. Breno Brito (2011) divide as zonas de visualização, ou pontos de atenção, nas seguintes partes:

- *Zonas nobres (correspondem aos pontos 1 e 2)*: são as zonas primárias para onde nossos olhos se direcionam, de acordo com a cultura ocidental. A partir desse primeiro ponto, nosso olhar caminha na direção diagonal para visualizar de fora geral todos os elementos da página.
- *Zonas mortas (correspondem aos pontos 3 e 4)*: são dois pontos a serem valorizados, trazendo elementos de destaque, de forma equilibrada. Geralmente eles são pontos para fotos ou textos de destaque.
- *Centro ótico (corresponde à zona 5)*: nesta região temos tendência a prestar mais atenção, é onde nos atentamos mais aos detalhes.
- *Centro geométrico (corresponde à zona 6)*: após nosso olhar percorrer por todos os pontos de atenção da página, focamos no ponto central.

Figura 4: comportamento do olho humano



Fonte: disponível em: <
goo.gl/dcnHWy>. Acesso
em 22 jan. 2017

O autor afirma que o diagramador deve se importar principalmente com as zonas mortas e o centro da página, trazendo elementos que torne a leitura atrativa e que também possa ser uma estratégia para conduzir o olhar do leitor, de forma ordenada, ou seja, sem deslocamento brusco da visão.

4.2 Princípios básicos de *design*

Quando somados, todos os conceitos sobre planejamento visual são fundamentais para cumprir seu papel principal: transmitir a mensagem. Beth Tondreau (2009), no seu livro “Criar Grids”, afirma que, “se cada estilo não tiver um propósito claro, estilos muito distintos podem criar confusão” (TONDREAU, 2009, p.14). Quando a autora fala sobre estilo, ela está se referindo a todos os elementos que são utilizados para compor a página.

Robin Williams (2009), em “Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual”, elenca quatro princípios básicos de *design*, que, ao serem compreendidos e trabalhados da forma correta, fazem diferença no resultado:

- *Contraste*: o objetivo do contraste é evitar elementos similares em numa página, se eles não forem os mesmos. É necessário indicar essa diferenciação para tornar o material mais atrativo.

- *Repetição*: elementos como, cor, tipografia, tamanho, espessura da linha, forma, espaço etc., podem ser espalhados pelo material. Desta forma cria-se uma organização e fortalece-se a unidade.
- *Alinhamento*: o princípio defende que nada deve ser colocado arbitrariamente em uma página. Cada elemento deve ter uma ligação visual com outro elemento da página. Isso cria uma aparência limpa, sofisticada e suave.
- *Proximidade*: itens relacionados entre si devem ser agrupados. Quando os itens são colocados em diferentes pontos cria-se uma aparência desorganizada, possibilitando que a mensagem não seja totalmente acessível ao leitor. É importante lembrar também que, para esse conceito, os elementos não precisam necessariamente estar próximos, mas sim ter alguma relação.

No livro “Novos Fundamentos do Design”, Ellen Lupton e Jennifer Phillips (2014) acrescentam conceitos aos citados acima por Robin Williams.

- *Ponto, linha e plano*: podemos partir do princípio de que um dá origem aos outros. Graficamente, um ponto é um elemento posicionado num determinado espaço. Uma sequência de pontos dá origem a uma linha, que pode servir como um guia de *layout* ou dar origem a um elemento gráfico. Quando se encontram, formam o plano, que nada mais é do que as linhas que se encontram em movimento.
- *Equilíbrio*: percebemos o equilíbrio quando usamos dois elementos que são distribuídos proporcionalmente, ou quando eles possuem o mesmo “peso”. O peso pode ser concretizado, como por exemplo: quantidade de elementos agrupados em determinados locais, cores opostas e conflitantes e tamanho de objetos.
- *Ritmo*: o exemplo mais claro para se entender o ritmo é quando falamos de música. O arranjo musical é composto por diferentes notas, que variam de acordo com o tempo. No *design* o ritmo é alcançado quando há uma combinação de elementos, como linhas, grid, formas etc. O ritmo quebra a monotonia e pode trazer surpresas ao leitor.
- *Cor*: serve para diferenciar, ressaltar ou esconder. A cor é um fator que pode ser determinante em várias situações. Assim como é capaz de destacar elementos, pode também causar sensações diversas aos seres humanos (psicologia das cores) e até mesmo se tornar simbólica e marcante.

- Em cor devemos lembrar também da diferença entre o modo de cor RGB (*Red, Green e Blue*) e CMYK (Ciano, Magenta, *Yellow e Black*). O modo RGB é usado apenas para arquivos vistos em tela. Quando o material for impresso, devemos sempre optar pelo CMYK, sob pena de que haja diferença no produto final.
- *Enquadramento*: em jornalismo aprendemos que enquadramento é a escolha do que o espectador deverá absorver. No *design*, o mesmo conceito se mantém, porém ele pode ser feito de diferentes formas, como em recortes nas fotografias, margens e sangramento, e até mesmo delimitando o espaço de texto e imagem.
- *Hierarquia*: é a ordem de importância dos elementos. A informação mais relevante deve ser estrategicamente posta para se destacar primeiro.
- *Transparência*: em alguns casos a transparência nos proporciona a percepção simultânea de diferentes elementos sobrepostos; em outros, auxilia a legibilidade, quando, por exemplo, o texto é sobreposto a imagem.

4.3 Grid: elementos e criação

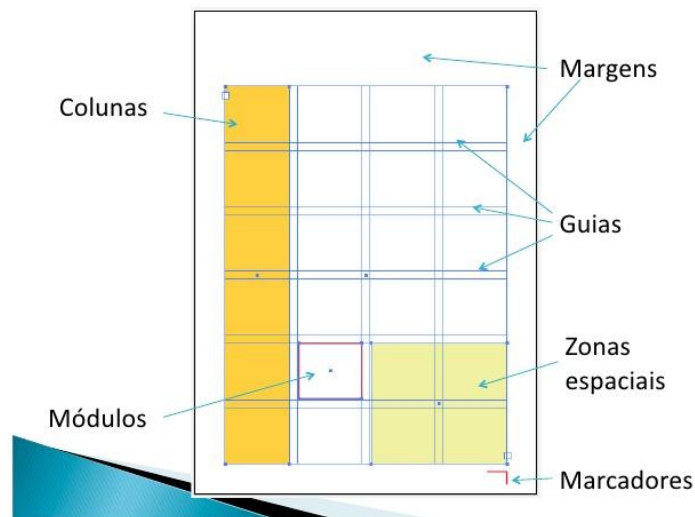
Gavin Ambrose e Paul Harris (2009) afirmam que para cada tipo de *layout* existem uma forma e uma função para o grid, que variam de acordo com o público-alvo a que este se destina. Mesmo com a proposta editorial de circular entre os atingidos, estabelecida desde a criação do veículo, o jornal “A Sirene” transita para além deles; dessa forma, é importante definir modelos e estratégias que supram as necessidades básicas da produção, mesmo que a cada edição o *layout* possa variar, de acordo com a necessidade, mantendo assim a identidade do jornal.

Conforme Ellen Lupton (2014) propõe em “Pensar com tipos”, o grid é uma rede de linhas que podem ser irregulares, angulosas ou circulares e que cortam o plano verticalmente ou horizontalmente. Em outras palavras, o grid são demarcações que orientam o *designer*. Seus principais elementos de composição são: margem, marcadores, colunas, guias horizontais, zonas espaciais e módulos.

- *Margem*: área que fica no entorno das páginas, ou seja, corresponde às bordas. Nas margens podem ser inseridas informações secundárias, como notas e marcadores.
- *Marcadores*: elemento que auxilia na leitura das páginas. São cabeçalhos, numeração de página, títulos correntes, ícones etc.
- *Colunas*: áreas verticais onde são inseridos textos, imagens e outros elementos.

- *Módulos*: a combinação de um módulo equivale à criação de colunas. Em geral, os módulos são espaços individuais que possibilitam um grid ordenado e repetitivo.
- *Guias horizontais*: limites entre as linhas horizontais que separam os espaços. As guias horizontais também podem ser utilizadas para organizar e conduzir a leitura.
- *Zonas espaciais*: são espaços a partir do agrupamento de colunas ou módulos. Nessas áreas específicas são inseridos textos, anúncios publicitários, imagens e outras informações.

Figura 5: Componentes do *layout*



Fonte: Disponível em: <goo.gl/SIWn4R>. Acesso em: 22 jan. 2017

5 CARACTERÍSTICA E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO DO JORNAL IMPRESSO

As características gerais do jornal impresso vão além da sua apresentação física. Segundo Brito (2011), podemos levar em consideração a periodicidade, a filosofia de criação e também as partes elencadas abaixo, segundo Brito:

- *Cabeçalho e rodapé*: são as marcas localizadas, respectivamente, no topo e no final das páginas. O objetivo dessas marcações é numerar as páginas, indicar a data, o número da edição, a numeração de páginas e a logomarca do jornal;
- *Vinheta*: são mini títulos localizados acima do título da matéria. A vinheta é o tema em destaque que corresponde ao que será tratado no texto;

- *Títulos*: podem ser subdivididos em: intertítulo (quebra de texto para dividir seções), antetítulos (chapéu) e subtítulos (linha fina);
- *Texto*: pode ser considerado parte fundamental da página. Ele pode apresentar diferentes formatos jornalísticos, como editorial, colunas, perfil etc;
- *Foto*: é a informação visual que ilustra ou completa as informações verbais. A foto deve sempre vir acompanhada de uma legenda;
- *Arte*: é a imagem produzida para completar as informações das páginas; pode ser gráficos, ilustrações ou charges;
- *Box*: é o espaço graficamente limitado usado para acrescentar informações ao texto principal;
- *Fio*: elemento gráfico usado para separar assuntos ou seções;
- *Anúncio*: é o espaço destinado para publicidade quando o veículo é comercial.

6 PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA CRIAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

Nos tópicos anteriores, foram levantados os conceitos e os principais elementos que um jornal deve ter, cada um com suas regras de utilização. Porém, Brito (2011, p. 7) destaca que as “técnicas de projeto gráfico usadas eficientemente em uma situação podem não funcionar em outras”; em outras palavras, cada projeto surge de necessidades particulares. Para isso, o autor elenca alguns pontos que devem ser levados em consideração antes mesmo de sua criação.

De acordo com Brito (2011), a base para elaborar um projeto gráfico é o domínio dos seguintes princípios: planejamento, importância, proporção, detalhes, restrições, direção, coerência e contraste. O primeiro deles é o planejamento. Planejar significa que devem ser definidos objetivos, para que o projeto seja visto como facilitador para os caminhos de veiculação e eficiente junto ao público alvo. A partir do planejamento, subdividem-se outros princípios, como a importância da escolha de cada elemento gráfico, levando sempre em conta a eficiência da comunicação. O autor também fala sobre a coerência e a proporção, conceitos que interferem na clareza e na organização do projeto.

7 PROJETO: O PROJETO GRÁFICO “A SIRENE”

O projeto gráfico foi construído sem o auxílio de um projeto editorial, pois, até então, se trata de um veículo novo que ainda está se configurando e se formalizando em diversas áreas. Mas não se trata de uma proposta isolada, a convivência e os meses de contato com o trabalho foram suficientes para formalizar o projeto.

As escolhas de cada um dos elementos que compõem o projeto gráfico descritas abaixo foram construídas ao longo de 12 publicações. A participação dos atingidos no processo foram determinantes para consolidar a identidade visual do “A Sirene”.

O produto final nasceu da proposta inicial do veículo impresso produzido na agência Nitro Imagens, em que há valorização do tamanho e uso das fotografias e pouco texto. Porém com o tempo algumas predefinições foram sendo alteradas, de acordo com as necessidades que foram surgindo ao longo das produções. Podemos citar como exemplo o formato da agenda, elaborada especialmente para que os atingidos identificassem com facilidade os compromissos de forma específica.

Dessa forma, os elementos, que vão desde a escolha das fontes textuais até a criação de um modelo de agenda, seguiram marcas de identificação com a comunidade. As características que marcam a identidade visual do jornal “A Sirene” estão representadas nas páginas a partir da retratação dos próprios indivíduos, cada um com suas particularidades.

Podemos afirmar que o projeto gráfico segue uma linha padrão que auxilia o diagramador a trabalhar dentro dos conceitos de planejamento visual estudados e descritos nos tópicos anteriores; porém, é permitida a liberdade para criar, desde que os padrões estabelecidos para o projeto sejam respeitados. Dessa forma, quando diagramamos uma página que fale sobre um personagem, podemos usar a quantidade de colunas que melhor distribua os elementos nas páginas sem nos prendermos a cores padrões, por exemplo. Por fim, temos em mente que o jornal é a representação dos atingidos, e isso deve ser evidente nas páginas.

7.1 Especificações gerais das páginas

- Tabloide: 400
- Tamanho da página: Largura: 270 mm por Altura: 400 mm
- Área para impressão: Largura: 250 mm por Altura: 380 mm
- Todas as páginas coloridas (CMYK)

Patrícia Damasceno (2013), no seu artigo *Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos*, aponta a usabilidade do formato tabloide. Segundo ela, “o formato é mais simples, econômico e prático de manipular” (DAMASCENO, 2013, p. 12). O tamanho é ideal para “A Sirene”, pois se encaixa no perfil do jornal, ou seja, simples, e supre a necessidade da quantidade de material para ser publicado.

Margens

- Inferior: 10 mm
- Superior: 10 mm
- Interna: 10 mm
- Externa: 10 mm

Colunas

- Medianiz: 7mm
- Quantidade de colunas: 3, 4 ou 5

Ellen Lupton (2004) afirma que os grids que possuem mais de uma coluna fornecem formatos mais flexíveis para publicações. “Quanto mais colunas você criar, mais flexível será seu grid. [...] Textos e imagens podem ocupar uma única coluna ou espalhar-se por muitas delas. Nem todo o espaço precisa ser preenchido.” (LUPTON, 2004, p. 176). No jornal “A Sirene”, é mais comum serem utilizadas 3 ou 4 colunas, devido à quantidade de texto. Porém, a cada edição temos que levar em consideração o inesperado e pensar sempre na possibilidade de acrescentar ou diminuir o número de colunas.

7.2 Catálogo de fontes

O conceito de contraste defendido por Robin Williams (2009) também foi determinante para escolher as fontes que foram utilizadas. Dessa forma, abaixo estão descritos os estilos de parágrafo escolhidos para compor o projeto gráfico.

Logotipo “A SIRENE”

- Modern735 BT Roman
- Caixa alta

- Tamanho da fonte: 125 pt
- Espaçamento: 150 pt

Quando o jornal surgiu, houve a necessidade de refletir sobre o nome que seria atribuído a ele e, posteriormente, qual a imagem seria a marca original do veículo. O “A Sirene” nasceu de uma causa social de grande proporção e, por isso, a marca deveria ser impactante. A fonte “Modern 735 BT” se diferencia totalmente das demais, pois possui linhas espessas e não perde a modernidade, detalhe a ser observado nos numerais e também nas letras, quando escrita em caixa baixa. A partir do projeto gráfico, a fonte só é usada como logotipo e discretamente no cabeçalho no interior do jornal.

Slogan “PARA NÃO ESQUECER”

- Minion Pro Bold
- Caixa Alta
- Tamanho da fonte: 12 pt
- Espaçamento: 14,4 pt

Linha: Edição, Data, Ano

- Minion Pro Bold
- Primeira letra de cada palavra em maiúsculo
- Tamanho da fonte: 12 pt
- Espaçamento: 14,4 pt
- Tracking (espaçamento entre letras): - 20

A as fontes escolhidas para o slogan e os dados da edição diferenciam-se completamente da fonte utilizada anteriormente para o nome do jornal. O contraste é proposital e limita a hierarquia e o espaço entre as funções dos dois elementos textuais (logotipo e slogan).

Texto

Robin Williams (2009, p. 75) afirma que o “tipo é o material básico de qualquer página impressa”. Como um dos principais elementos que compõem as páginas, os tipos devem ser combinados de forma que sejam evitados os conflitos visuais. Geralmente quando usamos mais de quatro tipos essencialmente diferentes, ou seja, que não fazem parte da

mesma família, a leitura se torna incômoda. A autora afirma que devemos provocar a relação concordante (mesma família de fonte) ou a relação de contraste.

O contraste não funciona apenas na estética do material. Ele está intrinsecamente relacionado à clareza das informações colocadas na página. Nunca se esqueça de que seu objetivo é comunicar. A combinação de fontes diferentes deveria aperfeiçoar a comunicação e não confundi-la. (WILLIAMS, 2009, p. 82).

A maneira de contrastar as tipologias está nos tamanhos, no peso, na estrutura, na forma, na direção e na cor. No projeto gráfico está claro que as fontes de títulos das matérias principais, das secundárias, do corpo de texto e da linha fina é apenas uma, a “Minion Pro”. O que as diferenciam são os contrastes de tamanhos, a forma e o peso.

Título da matéria principal:

- Minion Pro Bold
- Tamanho da fonte: 63 pt
- Espaçamento: 77 pt

Título da matéria secundária ou retranca:

- Minion Pro Regular
- Tamanho da fonte: 45 pt
- Espaçamento: 54 pt

Texto de linha fina

- Minion Pro Italic
- Tamanho da fonte: 12pt
- Espaçamento: 18 pt
- Hifenizado
- Justificado com a última linha alinhada à esquerda

O texto de linha fina serve para introduzir o assunto a ser tratado na matéria; por isso, é aconselhável que não ultrapasse três linhas de texto.

Crédito dos textos “Por e Com apoio de”

- CopperplateGothic Light
- Tamanho da fonte:10pt
- Espaçamento:14,4 pt

O traço mais moderno do tipo “Copperplate Gothic Light” é um ponto de contraste entre as demais fontes. Seguindo o mesmo critério de proximidade, a fonte também é usada para dar crédito aos fotógrafos, diferenciando-se apenas em tamanho.

Corpo do texto

- Minion Pro Regular
- Tamanho da fonte: 12pt
- Espaçamento: 16,8 pt
- Recuo à esquerda da primeira linha de cada parágrafo: 5 mm
- Hifenizado
- Justificado com a última linha alinhada à esquerda

Intertítulos

- Minion Pro Bold
- Tamanho da fonte: 12pt
- Espaçamento: 14,4pt
- Justificado com a última linha alinhada à esquerda

7.3 Fotografias

Uma das características do jornal “A Sirene”, que se diferencia da grande maioria dos jornais, é a valorização do tamanho das imagens, e não da informação textual. Algumas páginas em formato de pôsteres, como podemos referenciar, exigem cuidado maior do diagramador ao manipulá-las, pois a leitura pode ficar comprometida, ou seja, ilegível. Um dos recursos mais utilizados, no jornal, para garantir a legibilidade é o box colorido com porcentagem de transparência; dessa forma, as caixas de texto podem permanecer com a mesma tipografia.

As fontes com serifa⁵ garantem a leitura mais confortável, enquanto as não serifadas são utilizadas geralmente para detalhes ou trechos curtos, além de serem mais legíveis quando inseridas nas imagens. A partir daí, podemos justificar a escolha da fonte “Miryad Pro” para as legendas.

Legenda de fotografias

- Miryad Pro Regular
- Tamanho da fonte:12 pt
- Espaçamento:14,4 pt

O padrão de posicionamento das legendas nos jornais impressos tradicionais, ou comerciais, é abaixo das fotografias. Porém, no jornal “A Sirene”, elas são inseridas nas imagens, justamente para criar uma nova proposta. Cabe ao diagramador observar a legibilidade das palavras quando inseridas no fundo preto ou branco. Dessa forma, a cor da fonte deve ser alterada.

Texto em fotografia

- MiryadPro Regular
- Tamanho da fonte:14pt
- Espaçamento: 16,8pt

Crédito das fotografias

- CopperplateGothic Light
- Tamanho da fonte:10 pt
- Espaçamento:12 pt
- Alinhado à direita

7.4 Elementos gráficos

Olho

- Minion Pro Italic
- Tamanho da fonte: 16 pt

⁵ Serifas são traços ou prolongamentos nas extremidades de algumas fontes tipográficas.

- Espaçamento: 19,2 pt

O “olho da matéria” assume dupla função quando inserido nas páginas, pois, além de destacar um trecho ou um depoimento importante da notícia, ele pode ser usado estrategicamente como ponto de respiro quando há uma grande massa de texto. Desta forma, a leitura pode ficar mais dinâmica e atraente de acordo com o conteúdo da informação. A fonte escolhida é a mesma do corpo do texto, porém a diferença está no seu tamanho e estilo.

De acordo com a proposta editorial do jornal, os textos são escritos sempre em primeira pessoa (pelos atingidos), não havendo, por isso, necessidade da assinatura quando o trecho diz respeito a uma colocação.

Box

O box é um recurso utilizado geralmente para trazer alguma informação adicional para o leitor a partir do texto principal. Geralmente são explicações técnicas ou que definem algum conceito do texto com mais profundidade. A fonte não se diferencia do corpo do texto por ser parte dele, deixando, desta forma, a diferenciação apenas pelo box em si.

A escolha da cor se dá a partir da predominância de alguma outra que sobressai nas fotografias ou que seja complementar. Desta forma, cria-se uma unidade visual.

Título do box

- Minion Pro Bold
- Tamanho da fonte: 12 pt
- Espaçamento: 16,8 pt
- Hifenizado
- Justificado com a última linha alinhada à esquerda

Texto do box

- Minion Pro Regular
- Tamanho da fonte: 12pt
- Espaçamento: 16,8 pt
- Recuo à esquerda da primeira linha de cada parágrafo: 5 mm
- Hifenizado

- Justificado com a última linha alinhada à esquerda

7.5 Item fixo

Agenda

A agenda faz parte de uma característica particular do veículo para que, mensalmente, os próprios atingidos se informem das atividades e reuniões entre as comissões e também das assembleias, que contam com a participação de outros grupos. Estrategicamente, cada comunidade possui uma cor específica, que foi definida a partir de uma paleta de cores que atraem a atenção do leitor, tornando a proposta da agenda ainda mais importante e mais simples de ser identificada. Não houve critério de escolha para cada localidade possuir uma cor específica.

7.6 Conferência e fechamento do arquivo: cuidados com as imagens

Para garantir a qualidade final do produto, é importante que o diagramador confira todo o arquivo, mais especificamente a qualidade das imagens, e todas as caixas de texto.

Ao inserir as imagens no arquivo, atente-se aos seguintes detalhes:

- as fotografias devem ter no mínimo 300 dpi⁶;
- as imagens coloridas devem sempre estar no modo CMYK (padrão de cores para impressão).

Verifique também:

- se o texto segue as linhas de grade;
- se não há excesso de tipos (indicando se há texto oculto);
- se o alinhamento dos boxes textuais e demais elementos estão corretos;
- se o posicionamento dos créditos de imagem estão com no mínimo 1 milímetro (mm);
- se há viúvas e órfãos⁷, pois provocam ruídos, principalmente quando a frase fica solta na parte superior das colunas de texto.

⁶ *Dots Per Inch* (DPI), em português “pontos por polegada”, significa a quantidade de pontos que a imagem possui. Quanto maior a quantidade de pontos por polegada, maior será a qualidade impressão. Disponível em: <<http://www.designculture.com.br/6-termos-que-todos-os-designer-devem-saber/>> Acesso em: 14 fev. 2017

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

No final de todo o processo de construção do projeto gráfico apresentado, podemos refletir melhor sobre a afirmação de Beth Tondreau, quando assegura que “nem tudo são regras”. Mesmo com todas as definições apontadas sobre a caracterização de um jornal impresso e as regras de design e planejamento visual, podemos dizer que nem tudo pôde ser aplicado.

Quando é solicitado ao profissional da área de comunicação visual fazer um projeto gráfico específico, logo é feito um levantamento sobre o perfil da empresa e do público-alvo, para que se fortaleça a identidade. Podemos afirmar que, no jornal “A Sirene”, esse conceito é mantido, porém nem tudo são regras aplicáveis. Como já foi mencionado, trata-se de um projeto experimental que contém elementos básicos de construção.

A edição inaugural, número zero, tanto marca o início da construção do projeto gráfico, consolidado depois de 12 edições, quanto é um produto que diz sobre os indivíduos retratados no jornal, dizendo quem de fato eles são e quais são suas histórias.

Visto como um veículo de comunicação que os atingidos têm autonomia e um meio de tornar públicas as suas lutas, a edição número 3 é a marca da maturidade interna do jornal. Se antes tínhamos um veículo com um público-alvo sugerido para os próprios atingidos, hoje o jornal transita entre diversos perfis, mudança que refletiu na escolha das pautas, linguagem e até mesmo na forma como o jornal é diagramado.

Assim como no processo de construção das matérias, no fechamento do jornal também lidamos com incertezas, não há como planejar o produto final. Porém, como forma de garantir a circulação do jornal, o diagramador poderá se orientar pelas definições básicas propostas na experimentação do projeto gráfico para o jornal “A Sirene”. A participação dos atingidos é indispensável, e ela vai desde a elaboração do veículo, quando a pauta surge, até o momento do seu fechamento, quando da criação. A partir daí, o diagramador será sempre questionado de que forma a diagramação das páginas pode resgatar a identidade dos personagens. Buscar essa aproximação com os indivíduos é o que torna o produto único, com características que o diferenciam de outros jornais. Assim, com o projeto gráfico experimental concluído, podemos dizer que ele carrega características de um veículo comunitário que identifica quem são os

⁷ Viúvas e órfãos são termos que indicam a quebra das palavras no início ou no final dos parágrafos. Disponível em <<http://www.designculture.com.br/alinhamentos-dentes-de-cavalo-rios-viuvras-e-orfaos/>> Acesso em: 14 fev. 2017

atingidos pela barragem da Samarco. Após um ano de publicações, o manual que orienta o diagramador reforça e ajuda a manter a luta dos cidadãos pelos seus direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBROSE, Gavin; Harris, Paul. *Layout*. Porto Alegre – RS: Editora Bookman, 2009

BARROS, José Marcio. *Cultura, memória e identidade: contribuição ao debate*. Belo Horizonte – MG, 1997. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1696/1817>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

DAMASCENO, Patrícia Lopes. *Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos*. 2013. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho (Orgs). *Psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo – SP: Editora Edgar Blucher, 2006.

LUPTON, Ellen. *Pensando com tipos*. São Paulo – SP: Editora Cosac Naify, 2004.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. *Novos fundamentos do design*. São Paulo –SP: Editora Cosac Naify, 2014.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*. Juiz de Fora – MG, 2007. Disponível em: <<https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/201>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

PORTELLA, Grazielle Bruscato. *Presença + Percepção = Impressão: Guia de técnicas de representação visual aplicáveis ao suporte*. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B0zmwoSmy61hOEJLdTNGTWEtUU0/edit?pli=1>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

TONDREAU, Beth; CARDINALI, Luciano. *Criar grids: 100 fundamentos de layout*. Bauru – SP: Editora Blücher, 2009.

WILLIAMS, Robin. *Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual*. São Paulo – SP: Editora Callis, 2009.